



GT 7: DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA

FÁBRICA DE CIMENTO E INQUIETAÇÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS EM ITAIACOCA: LUGAR DE MINÉRIOS, TEMPO DE INDUSTRIALIZAÇÃO E AMBIENTE DE AFETOS

Lucimara Nabozny (UEPG) e-mail: lucinabozny@hotmail.com

TEMÁTICA: DESENVOLVIMENTO RURAL, AGRICULTURA FAMILIAR E ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS PRODUTIVOS

RESUMO: Este trabalho visa discutir como moradores e trabalhadores da mineração de Itaiacoca, distrito rural de Ponta Grossa – PR, vivem em meio a complexidade de experiências que emergem em um tempo de promessa de intensificação da indústria de minérios, e como expressam suas inquietações sobre o que é viver em Itaiacoca, que é um lugar carregado de elos afetivos das pessoas com o ambiente, e se localiza em cima de riquezas minerais. Esse que poderia ser um detalhe do ambiente, implica em como os sujeitos históricos vivenciam a experiência de viver e trabalhar em Itaiacoca. A possibilidade da implantação do novo complexo mineroindustrial, conhecida como “a fábrica de cimento” começa a sair do campo do imaginário e ganhar forma a partir das audiências públicas e da apresentação do estudo de impacto ambiental pela empresa proponente da exploração e envolve órgão ambiental, políticos, ministério público entre outras instâncias que pareçam distantes da realidade cotidiana do viver e trabalhar em Itaiacoca. A aproximação dos moradores locais com essa nova realidade, faz emergir questionamentos e inquietações referentes as relações com a cidade, e entre elas, as políticas públicas. O que acompanha a chegada da fábrica de cimento? Quais políticas públicas essas transformações requerem?

Palavras chave: Itaiacoca; Identidades; Mineração; Políticas Públicas.

1. INTRODUÇÃO

A modernização do meio rural é um conceito conhecido por levar o progresso e desenvolvimento, através da implantação de tecnologias que permitam às atividades rurais se tornarem mais produtivas. Essa ideia de modernização não é nova aos nossos olhares, e tampouco exclusiva para o meio rural. No entanto suas nuances são ainda passíveis de muitos exames, pois as consequências da modernização carregam consigo transformações que ultrapassam as fronteiras econômicas, impactando modos de vida, culturas e identidades que se transformam e resistem em meio a esse processo. Para tanto o objetivo desse estudo é compreender os reflexos das disputas dos antigos modos de viver expressos em virtude da expectativa da implantação de um novo complexo mineroindustrial na região de Itaiacoca.

A metodologia adotada para essa discussão teve por base a sistematização de duas observações: a primeira de uma reunião convocada pela empresa proponente, Mineração Delta Paraná S.A, e a segunda, a audiência pública



convocada pelo órgão ambiental IAPAR, como instrumento de informação e consulta à população a respeito do empreendimento. Ambas observações foram movidas pelas perguntas do interesse acadêmico, objeto desse estudo, que percorre o processo sócio histórico da mineração em Itaiacoca. A sistematização dessas observações, são aqui tratadas como fontes para refletir acerca da nova industrialização, que nos indica sobretudo modos de viver e sobre a relação dos moradores com seu ambiente, e a imersão dos mesmos em uma realidade social que os faz pensar sobre as políticas públicas.

2. FÁBRICA DE CIMENTO E INQUIETAÇÕES SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS EM ITAIACOCA

2.1. A Expectativa pela Implantação do Complexo Mineroindustrial

No final do ano de 2016 o Distrito de Itaiacoca aproximou-se um pouco mais em direção de um projeto que há tempos ronda o imaginário da população local: a chegada de um novo complexo mineroindustrial, de grandes proporções, que quando materializado certamente será base de muitas transformações. Tal projeto é conhecido pelos moradores locais como “a fábrica de cimento”, e move entre os mesmos sentimentos e expectativas diversas.

De acordo com a legislação ambiental, para a implantação de um novo empreendimento de mineração exige-se que a empresa concorrente à autorização possua uma portaria de lavra e que também providencie um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) que gera um Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (RIMA) que compreenda aspectos ambientais e sociais da região abrangida.

Em Itaiacoca, a Mineração Delta PR, que pertence ao Grupo Brennand, possui portaria de lavra desde o ano de 1974. Podemos considerar, assim, que a expectativa dos moradores locais pela instalação deste complexo não se inicia com as atuais discussões do projeto, mas desde outros tempos já perpassam o imaginário constitutivo da identidade do morador local.

Ainda seguindo o estabelecido pela legislação ambiental, a empresa candidata necessita passar por um processo de apresentação dos resultados do EIA para os interessados no conteúdo dos estudos, que envolve de modo especial os moradores locais. A audiência pública de apresentação formal e de arguição sobre os resultados do EIA foi antecedida por reuniões comunitárias de apresentação do projeto para comunidades locais. Essas reuniões foram convocadas pela empresa, que na ocasião das reuniões teve a oportunidade de apresentar suas propostas, inclusive em relação ao que se pensa a respeito dos fatores desfavoráveis para a comunidade. Foram pelo menos três dessas reuniões em localidades de Itaiacoca, que receberam moradores locais, donos de chácaras, políticos e empresários. No entanto a maior parte do público era de moradores, alguns que trabalham na mineração e outros poucos que sobrevivem da agricultura.

Na reunião realizada na localidade de Roça Velha, no pavilhão da igreja, compareceram aproximadamente 50 pessoas. A comunidade que leva a fama de hospitaleira, organizou-se de modo a servir pastel e refrigerante para todos os participantes. Enquanto os representantes da empresa apresentavam sua proposta e o perfil da mesma, algumas mulheres da comunidade prepararam o lanche na



cozinha. Nessa ocasião, que tive a oportunidade de participar já carregando comigo as perguntas movimentadoras dessa pesquisa, pude observar homens e mulheres, muitos vestidos com seus chapéus e saias não condizentes com a moda da cidade, assentados em bancos de madeira, muito provavelmente construídos pelas suas próprias mãos, observando um grande telão que lhes dizia quanta modernização aquela proposta poderá assegurar para esta comunidade. Os olhos atentos de uns, a postura cansada de outros, futuro que se apresenta a seus olhos em forma de propaganda.

O discurso que se manifestou nessa ocasião foi a da apresentação institucional do Grupo Brennand e suas experiências em Sete Lagoas-MG e Pitimbu – PB. Além da apresentação das experiências do grupo em outras regiões, os representantes também tiveram a oportunidade de falar sobre o projeto para implantação do complexo mineroindustrial Ponta Grossa e Campo Largo – PR. As explanações demonstravam todo fluxograma de extração mineral de cimento, que se inicia com a extração de uma espécie de calcário que foi encontrada abundantemente na região e já muito bem estudada para a finalidade a que se apresenta. Entre uma e outra explicação de como se dará o funcionamento desse empreendimento que será inserido na localidade de Conceição, que fica distante 47 km do centro de Ponta Grossa e 65 KM do centro de Campo Largo, surgiam nas entrelinhas a expressão de uma preocupação por parte da empresa de “não causar falsas expectativas”. – Não queremos levantar falsas expectativas – dizia o responsável pela apresentação - mas não temos como precisar o tempo para a implantação, porque depende da economia, a economia precisa melhorar.

Ainda nessa reunião foram levantadas pelos próprios representantes da empresa proponente, os possíveis problemas sociais referentes ao novo empreendimento. Entre tais problemas foram apontados a possibilidade de crescimento das taxas de violência, uso de drogas e prostituição. Ainda foram apontados a aumento do fluxo de tráfego nas rodovias, com intensificação de risco de acidentes para pessoas e também com animais silvestres. Cada uma das possibilidades, foram apresentadas seguidas de ações em parceria com os serviços públicos para minimizar as consequências para os moradores locais, como por exemplo: em caso de aumento de roubos às casas, a empresa se colocará junto com a comunidade para solicitar aos órgãos responsáveis a intensificação do policiamento na região.

Após o término das apresentações, a comunidade foi convidada a se manifestar, o que ocorreu de forma pouco expressiva. Os mesmos foram então informados sobre as audiências públicas dos dias 23 de novembro de 2016, na localidade de São Silvestre, Campo Largo e do dia 24 de novembro de 2016 na localidade de Cerrado Grande, Itaiacoca – Ponta Grossa. A primeira parte dessa reunião, protagonizada por agentes externos à comunidade.

A segunda parte, essa de modo mais familiar à comunidade, recordava uma festa de igreja, com pastel, refrigerante, crianças brincando, famílias se reencontrando. Mas agora os assuntos presentes nas rodas de conversas incluíam calcário, emprego, desenvolvimento e indústria, entre outros assuntos antes talvez não tão debatidos. Se essa proposta seria boa ou ruim para a região e para os moradores, não parecia haver unanimidade e nem mesmo cada sujeito parecia



conseguir definir uma só opinião. As identidades tornam-se plurais em cada sujeito. Como o que é apresentado por Stuart Hall (2006), as identidades no homem da pós-modernidade coexistem. Nessa discussão, as sociedades da modernidade são caracterizadas pelas diferenças: “(...) elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ – isto é, identidades – para os indivíduos”. (HALL, 2006, p 17). Ainda assim, uma articulação existe entre esses sujeitos, construída por suas experiências comuns, pelo processo histórico que trouxe cada uma daquelas pessoas para essa reunião.

2.2. A Audiência Pública

As diferentes vozes que compõe a análise de um projeto de interesse social para certo grupo, apresentam-se dissonantes, em busca de um consenso, nem sempre possível.

Sobre a implantação do complexo mineroindustrial, Ponta Grossa e Campo Largo receberam audiências públicas com o objetivo de informação e consulta da população a respeito do empreendimento. A primeira audiência ocorreu dia 23 de novembro de 2016, na localidade de São Silvestre, em Campo Largo e a segunda no dia 24 de novembro de 2016, na localidade de Cerrado Grande, em Ponta Grossa.

A segunda audiência, a qual tive a oportunidade de participar, ocorreu na quadra da Escola Municipal Professor Eloy Avrechak, na localidade de Cerrado Grande. Participaram deste momento aproximadamente 150 pessoas, das quais eram moradores da região, empresários, políticos, proprietários de chácaras, estudantes e desportistas que utilizam a região para suas atividades. A casa cheia surpreendeu os organizadores. A descrição que segue tem por objetivo contextualizar a expressão de uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar, que surgiu no decorrer de uma formalidade – a audiência, que apresenta aos olhos dos moradores da região e outros interessados, a possibilidade de uma considerável mudança no modo de viver local.

A audiência foi presidida por representante da IAPAR (Instituto Ambiental do Paraná), órgão licenciador do projeto “complexo mineroindustrial”, que informou aos presentes que audiência pública é uma ferramenta de controle social, em consonância com a Constituição Federal de 1988, que fala sobre o direito ao meio ambiente saudável, e que para tanto o uso dos recursos naturais exige estudo ambiental. Explicou também as normas para a ocorrência da mesma. Toda a audiência foi filmada, e o roteiro de antemão apresentado, previa tempo máximo de três horas, sendo que em primeiro momento se daria a apresentação do empreendedor, após a apresentação do EIA, intervalo, e para finalizar a abertura para perguntas. Na mesa de autoridades, abrindo o evento, a fala do Secretário Municipal de Obras de Ponta Grossa, se coloca à disposição para auxiliar a execução do projeto, que ao seu ver significa “fortalecimento da economia e geração de emprego”.

Assim iniciada a audiência, já se pode observar a construção de diferentes caminhos de entendimento sobre a região, e algumas disputas estabelecidas vão se



expressando ao decorrer desta reunião de pessoas, formas de pensamentos e interesses distintos e em formação. Ao trabalho historiográfico que aqui se propõe, interessa compreender a expressão dessas construções das representações dos sujeitos que coexistem em um recorte temporal e espacial, como resultados das experiências sociais que compõe o pensamento desses sujeitos.

Cada caminho de pensamentos é resultado das experiências e vivências dos sujeitos, que quando tomam uma postura, formam e transformam suas opiniões, pensam sua realidade. E somente podem pensa-la a partir de sua história social e pessoal, de sua experiência, pois os indivíduos não estão somente condicionados a uma realidade social, mas a constroem e suas histórias a partir do “fazer-se” em sua prática social (Thompson, 1987).

Por tudo isso é que neste estudo, utilizamos os registros da observação desta audiência pública, como ponto de partida para compreender algumas das relações estabelecidas entre os sujeitos em suas ligações com Itaiacoca. Iniciada a audiência conforme programação, a primeira parte constituiu-se da apresentação do empreendedor, que mostrou suas experiências desde a década de 1970, em cerâmica, vidro, aço e cimento. Esse tempo também foi aproveitado pela empreendedora para dar exemplos de projetos sociais realizados nas unidades de Pitimbu- PA e Sete Lagoas- MG. Os projetos sociais foram apontados como meio para desenvolvimento da comunidade, pois “nós estamos crescendo e a comunidade tem que crescer junto”. São projetos vinculados aos temas culturais, esporte e meio ambiente.

Após apresentação da empresa candidata, a audiência passou para sua segunda fase, que foi a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que consistiu na metodologia da realização deste estudo, que gerou o Relatório de Impacto Ambiental, solicitado pelo órgão licenciador (IAPAR). O mesmo identifica que o calcário da região é adequado para a produção de cimento. Segundo este estudo, os dados cartográficos anteriores estavam defasados, e a empreendedora atualizou as imagens aéreas, e com isso estabeleceu as opções locais, escolhida uma entre dez alternativas.

O EIA apresentado nesta audiência, mostrou aos interessados presentes quais as preocupações ambientais e sociais foram contempladas na metodologia adotada pelo estudo, como por exemplo: meio físico, locais de captação de água, fauna, flora, estudo de tráfego e questões de arqueologia. Esta última porque foram encontrados quatro sítios arqueológicos e registros cerâmicos na região da área afetada. Estes sítios serão encaminhados para resgate e salvamento, com aprovação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Se a apresentação do EIA, acima descrito configurou-se como a explicação do modelo metodológico do estudo, a próxima parte da audiência previa a apresentação dos resultados desse estudo. Neste momento, esperado pela maioria dos participantes, a projeção na grande tela instalada para o evento não foi suficientemente clara para apresentar os resultados do estudo. Em letras pequenas demais, uma tabela apresentada por outra pessoa, representante da empresa contratada pela empreendedora para a realização do estudo, não deu conta de satisfazer todos participantes a respeito do planejamento das medidas para redução dos impactos ambientais e sociais. Essa insatisfação se expressou nos



questionamentos, sobre os quais comentarei adiante. Em dados, a área diretamente afetada será de 330 hectares de mineração e 78 hectares de fábrica e área indiretamente afetada de 778.359 hectares, e em resumo, as ações de redução dos impactos ambientais e sociais partiam basicamente da expectativa de acionar os já existentes serviços públicos.

Com o término dessa apresentação, os participantes foram convidados para um intervalo, lanche, e retomada das atividades para abrir-se espaço para eventuais questionamentos e considerações dos presentes, que então deveriam se inscrever durante este intervalo para o uso da palavra. Essa configuração formal da audiência parecia não deixar os participantes muito à vontade. Durante o intervalo pude observar movimentos e interações não tão próprios da comunidade, cujos assuntos saiam mais pausados, mais moderados entre as rodas de conversas. A oportunidade de trabalhar perto de casa, o crescimento e desenvolvimento possível conforme apresentado, e por outro lado uma mudança da forma de viver, de se organizar dos moradores. Contrapontos que não dividem apenas por grupos de opiniões, mas que cada sujeito podia carregar consigo. Ou na voz de um morador, falando ao seu vizinho: “Vai ser bom, mas vai acabar com nosso sossego”.

Ao final, foi a vez de se ouvir outras vozes. Após a abertura para os questionamentos, nova surpresa com o número de inscritos para o uso da palavra. Mais de vinte pessoas haviam solicitado a oportunidade de se expressar. E o que se seguiu foram recorrentes questionamentos e manifestações relacionados aos impactos ambientais e sociais, agora do ponto de vista dos moradores, dos chacareiros e dos desportistas que usam o Itaiacoca rural, não necessariamente mineiro. Como exemplo dos referidos questionamentos, seis pessoas que se manifestaram se demonstraram insatisfeitas com a explanação dos impactos do EIA.

A apresentação ruim e a falta da disponibilização do RIMA no site do IAP, conforme o que havia sido combinado anteriormente em reunião de apresentação do projeto. “Quero que conste em ata – dizia um popular em uso da palavra – não fiquei satisfeito com a apresentação desse relatório. Além disso, o documento não estava no site do IAP. Procurei a semana inteira”.

Além desses questionamentos, também foram ouvidos outros relacionados ao reflorestamento de área desmatada, poluição sonora, salários e prazos para início das contratações, possíveis danos às residências, adequação das rodovias, impactos sobre segurança, saúde ambiental e impactos à saúde humana, quem são as autoridades que irão fiscalizar os impactos, qualidade da água e risco de erosão, deslocamento dos animais, e impactos sobre povos tradicionais, entre outras colocações.

Sobre essa última colocação, cabe atenção especial à uma mulher faxinalense que dizia: “Não somos vistos, não aparecemos nessas discussões. As pessoas não estão colocadas em discussão. Não interessa o vizinho ao lado. Estão entrando em nossa casa.”

Entre réplicas e tréplicas, o que se apresenta nessa discussão do tempo presente, é na realidade uma disputa em torno dos antigos modos de viver e trabalhar em Itaiacoca. A partir dessas pistas, este projeto intenciona aprofundar historicamente como se deram as construções das vozes que nessa audiência se expressam, e como cada uma delas constrói as identidades que convivem ao redor



da mineração em Itaiacoca, um sentimento afetivo com um lugar por ser seu lar, ou Topofilia, nos termos de TUAN (1973, p. 107).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação dessa audiência pública gerou uma sistematização de informações a respeito desse momento, que para além da questão do desenvolvimento local, se configurou como uma expressão de disputas vigentes entre modos de viver e trabalhar neste ambiente rural, que se relaciona e compõe a indústria que atrai pelos recursos minerais. Partindo de leituras que me permitiram refletir acerca dessas disputas a proposta deste ensaio é pensar a respeito das políticas públicas requeridas pelos moradores durante a audiência pública. A nova fábrica traz ao mesmo tempo expectativas de trabalho, renda, melhores resultados de IDH, mas também problemas de ordem social que requerem aproximação com políticas públicas de segurança, saúde, educação, transporte, ambiental e social. A partir dessas pistas, este ensaio intenciona aprofundamentos sobre como se deram as construções das vozes que nessa audiência se expressam, e como cada uma delas constrói as identidades que convivem ao redor da mineração em Itaiacoca.

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

RIMA: http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/2016_EIA_RIMA/RIMA_DELTAPR.pdf

TUAN, Yi – Fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIEFEL, 1974.

THOMPSON, Edward Palmer. A formação da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.